

## A ESPACIALIZAÇÃO DAS LUTAS PELA TERRA NO ASSENTAMENTO SÃO JOÃO NO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA/MS

Fabiano Greter Moreira<sup>1\*</sup>

\*Doutor em Geografia

1. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNA)

### Resumo

Visando compreender os processos de configuração territorial e de espacialização das lutas pela terra nos Projetos de Assentamentos (PAs) no município de Nova Andradina/MS, analisamos o seu terceiro assentamento criado, o São João. Podemos dizer que são várias as condições e as conflitualidades neste campo de estudo. Estas relações e configurações se iniciam antes mesmo de se estabelecer um processo de desapropriação, seja com os proprietários de terras e suas relações de poder que envolvem a centralidade agrária a qual estão inseridas, ou mesmo, os interesses sociais, políticos e econômicos gerados nos conflitos pelo uso e posse da terra.

**Palavras-chave:** agrária; assentados; lotes.

### Introdução

As manifestações da questão agrária nos assentamentos do município de Nova Andradina são configuradas por relações sociais e produtivas peculiares a cada assentamento. Primeiramente são projetos de assentamentos com lutas pela conquista da terra e dimensões territoriais diferentes uns dos outros. Estas lutas estão centradas desde a desapropriação e a permanência nos lotes pelos assentados.

O terceiro assentamento criado no município de Nova Andradina, o São João, está localizado nos limites físicos entre os municípios de Nova Andradina e Nova Alvorada do Sul. Possui uma distância de 100 km da sede urbana do município. Um assentamento pouco assistido pelo governo municipal de Nova Andradina, que, de acordo com nossos participantes da pesquisa, geralmente buscam atender suas necessidades de alimentos, suprimentos para produção, escola para os filhos, no distrito próximo ao assentamento, o PANA, pertencente ao município de Nova Alvorada do Sul, a qual os assentados também suprem suas necessidades familiares e de produção e em outros municípios, como Deodápolis, Angélica, etc. O ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Andradina (STRNA) e atual assessor jurídico revela que esta relação com outros municípios e não em Nova Andradina ocorre também em “virtude da origem da maioria dos assentados do PA São João”, que são de outras regiões, contribuindo para essas afinidades comerciais.

### Metodologia

O método utilizado no presente estudo ampara-se em uma pesquisa qualitativa, a partir da necessidade de conhecer através de observação, reflexão e análise da realidade do fenômeno social, para compreendê-lo nos processos contextuais, segundo Triviños (1987). Estas percepções e a realidade do fenômeno social são nosso trunfo para contextualizar a territorialização dos assentados do assentamento São João no município de Nova Andradina/MS.

A coleta de informações no estudo de campo foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas junto aos participantes pré-estabelecidos na pesquisa. Optou-se por entrevistas semiestruturadas no trabalho, seguindo, ainda, percursos metodológicos descritos por Poupart (2014, p. 212), que trata a entrevista como de ordem ética e política, porque abre “possibilidades de compreender e conhecer internamente os dilemas e questões enfrentadas pelos atores sociais”, instrumento privilegiado de acesso às experiências dos atores como ferramenta de informação na pesquisa qualitativa.

Ao determinar a aplicação do método de pesquisa da história oral em nosso trabalho, procuramos justificar o seu emprego no contexto de nossa investigação científica como um meio de conhecimento, vinculado intrinsecamente às questões abordadas no objeto de pesquisa, que, segundo Alberti (2005), pode ser definida como método de investigação, como fonte de pesquisa ou técnicas de produção e tratamento das entrevistas gravadas com nossos participantes.

Realizamos entrevistas de longa duração com 04 (quatro) assentados no PA São João. O recorte temporal de nossa pesquisa foi realizado no período de outubro de 2017 a janeiro de 2018, restringindo nossas entrevistas apenas com os participantes que atendiam aos seguintes critérios: **a) Primeiro (a) titular do lote** (fator de suma importância, por nos proporcionar maiores informações sobre a trajetória de luta e permanência nos lotes); **b) Proprietário (a) responsável** (buscamos, com o/a responsável, compreender a dinâmica de vida nos lotes e suas relações sociais); **c) Residente no lote** (somente os moradores fixos nos lotes permitirão maiores informações do assentamento e os conflitos socioterritoriais).

As entrevistas foram gravadas com gravador de áudio e transcritas para posterior aprovação dos participantes, seguindo orientações de Meihy e Ribeiro (2011). O participante que não concordou com a sua identificação e a de seu lote, não foram reveladas suas identidades. As entrevistas foram realizadas no lote de cada participante e/ou em local definido pelo próprio assentado e tiveram duração de aproximadamente 1 hora, dependendo da disponibilidade dos participantes. Para tanto, padronizamos a identificação de nossos

participantes, da seguinte maneira: (SJ1, SJ2, SJ3, SJ4). Os demais participantes da pesquisa foram identificados com apenas as letras iniciais de seus nomes.

### Resultados e Discussão

O Projeto de Assentamento São João situa-se na antiga Fazenda São João, localizada no município de Nova Andradina, Rodovia BR-267 km 172 + 100 m, que liga o Distrito de Nova Casa Verde a Nova Alvorada do Sul, com uma área territorial de 4.011,9000 ha (quatro mil, onze hectares e noventa ares), com capacidade de 180 lotes, que, atualmente, segundo o INCRA (2018), possui 172 famílias assentadas.

Os assentados que receberam lotes no assentamento são originários de várias regiões do Estado de Mato Grosso do Sul. No Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares de Nova Andradina/MS (STRAFNA)<sup>1</sup> existem alguns registros desses assentados e a organização sindical filiada junto aos trabalhadores/trabalhadoras na desapropriação da Fazenda São João foi a Central Única dos Trabalhadores de Mato Grosso do Sul (CUT/MS) que, por meio de seu Presidente<sup>2</sup>, nos relatou que não possuem informações sobre a origem dos assentados, por isso, apresentamos apenas os municípios referentes aos nossos participantes da pesquisa, de acordo com o Quadro 1:

**Quadro 1:** Municípios de origem dos assentados pesquisados do PA São João.

Municípios
Angélica
Deodápolis
Nova Andradina
Vicentina

**Fonte:** Dados da Pesquisa e STRAFNA (2017).

A pesquisa nos mostrou que o assentamento foi organizado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT/MS) e não pela FETAGRI/MS. O Assentamento São João é o único que sofreu confrontos e enfrentamentos armados no período do acampamento, sendo manifestada não pelo proprietário da Fazenda, mas pelo arrendatário (que possui uma Fazenda vizinha à mesma – de frente a BR-267), com intensas ameaças e ações de “jagunços” fortemente armados, segundo o assentado SJ1.

Os <sup>3</sup>ataques ocorreram quando o INCRA autorizou os acampados adentrarem na sede da Fazenda, onde aguardavam o “corte dos lotes”. As ações visavam intimidar os acampados em abandonar a propriedade. Contudo, em nenhum dos confrontos houve feridos, mas os barracos em cada ação ficavam marcados com os tiros, até a antena de telefone foi alvejada. Momentos de angústia e medo tomaram conta destas famílias, que, em um dos ataques, até funcionários do INCRA estavam no local e foram retidos para a maior segurança dos acampados.

O assentamento está localizado na divisa territorial dos municípios de Nova Andradina e Nova Alvorada do Sul, que implica diretamente em suas relações sociais no campo. Uma dessas relações conflitantes está relacionada à <sup>4</sup>educação de seus filhos.

Um dos questionamentos dos assentados é o tamanho dos lotes e a lenta autorização do INCRA, na divisão da área societária (coletiva) do assentamento. Como a modalidade coletiva não funcionou no assentamento, os assentados esperam por esta área para melhorar seus rendimentos de seus lotes, conforme o relato seguinte:

A não liberação ou desfecho da área societária pelo INCRA e o IBAMA, implica a quantidade de terras para produzir pelos assentados, ficando apenas com os três alqueires do lote individual, que é muito pouco para se manter no assentamento. Com pouca terra, resta trabalhar fora do assentamento para sustentar a família (assentado SJ1, entrevista realizada dia 27/10/2017).

O Assentamento São João possui particularidades em sua estrutura, que não foram evidenciadas nos demais assentamentos do município pesquisado. Além do confronto armado com pistoleiros no período em que ficaram acampados dentro da propriedade, aguardando o corte dos lotes, evento não encontrado em nenhum Projeto de Assentamento, outro quadro nos chama a atenção. O abandono de lotes que não possuem habitação, energia elétrica e água encanada, visto ser um Projeto com mais de 10 anos de criação. A complexidade destes fatos, aliado aos relatos de nossos participantes, evidenciaram, mais uma vez, o caráter do Estado em ações direcionadas aos assentados do Assentamento São João. Lotes com fertilidade baixa, área societária indefinida por questões ambientais e de ausência dos órgãos competentes, juntamente com a

<sup>1</sup>Informações obtidas com a atendente do STRAFNA a Sra. C. M. C. C., dia 05/10/2017.

<sup>2</sup>Contato telefônico com o Presidente da CUT/MS – Campo Grande/MS, Sr. G. D., dia 16/04/2018.

<sup>3</sup>**Funcionários do INCRA ficam retidos em assentamento.** Disponível em: <<http://www.aquidauanews.com/0,0,00,1540-47338-FUNCIONARIOS+DO+INCRA+FICAM+RETIDOS+EM+ASSENTAMENTO.htm>>. Acesso em: 28 out. 2017.

<sup>4</sup>**Pais de alunos realizam protesto no Assentamento São João.** Disponível em: <<http://www.jornaldanova.com.br/noticia/nova-andradina/35,265425,pais-de-alunos-realizam-protesto-no-assentamento-s%C3%A3o-jo%C3%A3o>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

falta de assistência técnica rural formam lacunas reveladoras do sentido e caráter do Estado.

Para o assentado SJ2, mesmo com as dificuldades, valeu a pena a luta pela terra, mesmo porque “quebrou muito a cabeça trabalhando nas diárias”, mas, hoje, possui seu “cantinho” e já aposentado com sua esposa e com idade acima dos 60 anos buscam a tranquilidade do seu sítio.

Já estou de idade e somos aposentados (esposa), por isso a minha permanência no lote é uma moradia fixa, mesmo porque, não posso mais sair pra quebrar a cabeça em outro lugar. Então eu acredito que tenho que permanecer no lote, porque antes eu trabalhava de diarista, toquei muita lavoura na terra dos outros, e depois com muita luta conseguimos adquirir esse pedacinho de terra. Se **“eu não tivesse assumido essa luta, hoje também eu não tinha nada, não tinha nem onde morar”**.

Aqueles que vendem os lotes não dão valor no sofrimento que eles passaram, porque, passar cinco, seis, sete anos em barraco de lona, e ainda, correndo risco de vida com esses jagunços, e o assentado trocar o lote **a troco de nada, não dão o devido valor na luta pelo pedaço de chão**.

Não é aquela maravilha, **mas se eu desistisse também tinha sido pior**, igual a muitos amigos, que desistiram e estão trabalhando na diária, de servente de pedreiro para sobreviver, etc. (assentado SJ2, entrevista realizada dia 27/10/2017 – grifo nosso).

A experiência vivida pelo assentado SJ2 nos faz refletir que as dificuldades, as resistências e a persistência em lutar pelo lote, podem ser preenchidas quando se acredita na sua força de trabalho. Todas as conquistas na vida são sacrificadas e nos assentamentos mais ainda, mas, mesmo assim precisamos acreditar no trabalho, pois a desistência pode provocar mais sofrimento e dor àqueles que lutam para apenas possuir uma morada digna junto a seus familiares, como no Assentamento São João. O relato de outro participante de nossa pesquisa evidencia como é essencial o trabalho externo para permanecer nos lotes deste assentamento, juntamente com a luta pela posse da terra.

Nossa trajetória em **barraco de lona chegou há quase 10 anos**, desde o acampamento da fazenda 3M até o São João. Recebemos somente a entrega de cesta básica no período do acampamento, depois disso, o INCRA apenas cortou o pedacinho de terra e nunca mais voltou. Trabalhei em carvoaria, em fazenda, de diarista, todo **serviço que aparecia a gente tinha que trabalhar**, hoje tiro um leitinho e estou recebendo auxílio doença. Isso **ocorre para segurar o assentado no lote**, à maioria dos assentados possui uma renda externa, como trabalhar em usina de açúcar e álcool, no plantio de eucalipto, o que segura à gente aqui no lote é esse serviço fora (exceto os aposentados). Se a família depender do lote não fica, não sobrevive em cima do lote (assentado SJ4, entrevista realizada dia 27/10/2017 – grifo nosso).

A luta que Oliveira (2001) descreve que os assentados travam antes e depois da conquista da terra segue variáveis distintas de assentado para assentado, de assentamento para assentamento e, ainda, este abismo que está criado nos Projetos de Assentamentos do município não retrata somente a falência do modelo de reforma agrária do país, mas, sobretudo o desrespeito do sonho e do sentimento daqueles que lutam, peregrinam as margens de rodovias em barracos de lonas, que, de maneira nenhuma, deveriam ser marionetes de políticas públicas.

Primeiramente, **vendemos uma casa no distrito** de Lago Bonita em Deodápolis, e fomos para o acampamento em frente à fazenda 3M, mas os capangas nos tocaram. Acampamos às margens da Rodovia BR-267, próximo ao distrito Pana, pertencente ao município de Nova Alvorada do Sul. Ficamos **um ano acampado neste local**, depois fomos para o acampamento em frente à Fazenda São João, novamente as margens da Rodovia BR-267, onde **permanecemos por mais dois anos**, até autorizar nossa entrada na propriedade (a água fornecida aos acampados era buscada no distrito Pana – quase 28 km de distância, transportado por um caminhão pipa doado pela Prefeitura de Nova Alvorada do Sul). Mais um **ano aguardando em nosso barraco de lona**, próximo a sede da fazenda, o INCRA cortou os lotes e entramos. O município de **Nova Andradina nunca prestou nenhuma assistência aos acampados** (assentado SJ3, entrevista realizada dia 27/10/2017 – grifo nosso).

A persistência em conquistar um pedaço de terra chega ao ponto de vender sua própria casa para viver em barraco de lona, à espera da tal reforma agrária. Distribuição de terras que “ocorre mediante as manifestações e mobilizações dos acampados e seus movimentos sociais” com o objetivo de pressionar o Estado em seu cumprimento de políticas públicas de reforma agrária. Por isso, em nossa pesquisa, confirmamos o que Fernandes (1999) revela como “luta pela posse da terra”, pois, em todos os assentamentos rurais pesquisados de maneira que cada um possui suas formas de lutas particulares no transcorrer de sua

construção, que lutaram de maneira contínua e em condições de vida sub-humanas (como morar nos barracos de lona, sem água encanada, sem energia elétrica, etc.), permanecendo em seu espaço de resistência. Este espaço, enfrentado pelos acampados, busca atender reivindicações de luta pela posse da terra, que, no entanto, é esta “luta que resultará na distribuição de terra”, “tratada como reforma agrária no Brasil”.

Para o assentado SJ1, desde o início do assentamento, dos anos de acampamentos às margens da Rodovia BR-267, depois a autorização do INCRA para acampar dentro da propriedade (ficaram próximo à sede da fazenda – ao lado da igreja), os confrontos com os pistoleiros (ocorreram três confrontos) armados, a mando do arrendatário e os cortes dos lotes “foram diversas lutas para resistir em prol da posse da terra”. Após a entrada nos lotes, seguimos a luta pela permanência nos lotes, onde cada assentado se mobiliza de acordo com as necessidades de sua família e de seu lote. Hoje, o assentado, a sua esposa e seu filho mais velho possuem trabalho externo ao lote, pois alegam que se ficar apenas com o trabalho do lote “passam fome”. Entretanto, esta situação não faz desta família menos camponesa, pois, além de residir no lote, como morada fixa, ainda, produz leite, carne, mandiocinha, arrenda lote de outro assentado, reproduzem relações sociais no âmbito da família camponesa. O assentado relata que “aqui eu tenho sossego que antes não tinha”, “não troco o lote por nada”, valeu a pena apesar de muitas dificuldades, mas, “estamos estabilizados e a família feliz”, que é o mais importante.

No período de desapropriação e de manifestações dos acampados, as discussões e reivindicações, até então, eram direcionadas ao município de Nova Alvorada do Sul, porém, após as tratativas do processo de criação do Projeto de Assentamento São João, descobriram que a jurisdição da área deste assentamento pertencia ao município de Nova Andradina, que se quer tinha manifestado. Contudo, o INCRA não havia se posicionado. Somente após a leitura da posição geográfica da área do assentamento, passou a direcionar as questões burocráticas referentes aos assentados, como o cadastro da DAP, educação, infraestrutura de estradas, enfim, de responsabilidade e atendimento do município de Nova Andradina, segundo o ex-presidente do STRAFNA e atual assessor jurídico o Sr. A. R. (relato realizado dia 20/08/2018 na sede do STRAFNA). Esta informação ressalta como a ausência do município de Nova Andradina é antigo aos assentados do PA São João, reforçando as declarações de nossos participantes da pesquisa, que possuem carência na recuperação das estradas, na promoção da saúde familiar, entre outros.

### Conclusões

Cada assentamento rural possui características próprias em seu processo geográfico, desde a fertilidade do solo, os tipos de culturas, a origem das famílias, o manejo do rebanho, as relações pessoais e comerciais, bem como a trajetória de luta pelo acesso a terra pelos seus assentados. Todos possuem peculiaridades no quesito acampamento, pois esta fase na trajetória de luta pela terra esteve presente em todos os assentamentos de Nova Andradina, seja às margens das rodovias ou dentro do assentamento à espera do corte dos lotes. Os conflitos presentes no período dos acampamentos ocorreram por meio de manifestações, esferas judiciais, bloqueios de rodovias federais e estaduais, fechamento de porteiros para impedir a entrada de suprimentos, e, o ocorrido no Assentamento São João, o confronto já dentro do assentamento com “jaguços armados do arrendatário da fazenda”, que em dois momentos tentaram intimidar e expulsar os acampados. A violência sofrida pelos assentados nos faz refletir sobre a tal reforma agrária e nos reforça a tese que “sem luta pelo acesso a terra”, não existe distribuição de terras no país.

### Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST (1979–1999)*. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. *Painel dos Assentamentos*. Superintendência Regional Mato Grosso do Sul – SR 16. Todos os assentamentos, 2018. Disponível em: <<http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. *Estudos avançados*, v. 15, n. 43, p. 185-206, 2001.

POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. In: *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Vozes, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.